

JAZZ

23 SETEMBRO 2016

Abdullah Ibrahim

Solo

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Abdullah Ibrahim

Sex 23 setembro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h · M6

Um piano em África

Todas as vezes que escrevi sobre Abdullah Ibrahim fi-lo com uma abordagem impessoal. Inevitável seria que transparecesse o meu gosto particular pela música e pela personalidade do pianista e compositor que conheci ainda com o nome de Dollar Brand, mas procurei ter aquele tipo de distanciamento que convém a um profissional da escrita. Pois desta vez não vou conseguir manter esse formalismo. Para alguém, como eu, que nasceu em África (Ilha de Moçambique) e aí pela primeira vez ouviu a música de Ibrahim – por sugestão do meu pai, generoso guia das minhas escutas – quando entrava na adolescência e começava a entender os mecanismos com que se regia o mundo (designadamente, os do colonialismo fascio-católico português e, no país ao lado, África do Sul, do *apartheid*), o que o autor de *The Song is My Story* simboliza é imenso, envolvendo emoções que não cabem tanto no jornalismo musical como na musicologia.

Pouco depois (dezembro de 1973), com 13 anos, vim para Lisboa, e vivi o previsível desenraizamento de um rapaz que se sentia moçambicano e não propriamente “tuga”, como agora diz a malta nova. Um rapaz cujo vocabulário era em grande parte proveniente do Macua e que, sendo branco, tinha um forte sotaque “negro”. Sou filho de um homem que foi para o Norte de Moçambique em “exílio interno”, fugindo à perseguição da Pide devido às suas atividades no MUD Juvenil, que aí esteve envolvido na campanha para

as Presidenciais de Humberto Delgado, que amava o jazz do *black power* e do *black is beautiful* e simpatizava com o movimento de libertação liderado pela Frelimo.

O mesmo homem que, quando me matriculou na primeira classe da escola primária de Nacala, escreveu “humana” quando a ficha de inscrição perguntava pela minha raça e “muçulmano” quando aí se procurava saber da minha filiação religiosa. Ouvir insistentemente Dollar Brand, Osibisa, Fela Kuti, a Chris McGregor’s Brotherhood of Breath, certos discos de Sun Ra ou, por exemplo, o álbum *Message from Mozambique* do injustamente esquecido grupo de *free jazz* Juju muito ajudaram a manter a minha sanidade mental nesses primeiros anos na “metrópole”. Se em simultâneo me interessara pelo rock progressivo de bandas como Jethro Tull, Van Der Graaf Generator, King Crimson, Gentle Giant, Emerson, Lake & Palmer, Genesis e Area talvez isso fosse já o efeito da minha assimilação “europeia”, que continuaria mais tarde com uma incursão pelas músicas ditas “experimentais”.

Desde então até hoje nunca deixei de ouvir esta luminária do piano que entretanto se converteu ao Islamismo. O sul-africano Abdullah Ibrahim realça o que ainda tenho de moçambicano em mim e, no processo de preservação da minha identidade, acabei por dele preferir os álbuns a solo, talvez porque também representem uma luta interior, no caso entre o chamamento das suas origens e a busca da liberdade longe da sua Cape Town natal, primeiro na

Europa e depois nos Estados Unidos. Discos da década de 1970 como *African Piano*, *Ancient Africa*, *African Portraits* e *African Breeze* foram por mim ouvidos até conseguir adivinhar a nota que viria a seguir, mas também os mais recentes sem acompanhamento, como *Krynsna Blue*, *Desert Flowers*, *Senzo* e, no ano passado, aquele em que comemorou 80 no nosso plano astral, o já mencionado *The Song is My Story*. A crítica vem entendendo este como o seu ajuste de contas com a arte solística, o trajeto que fez em quase 60 anos de atividade e a própria história do piano jazz.

A solo, a música de Ibrahim adquire um grau de intimismo, despojamento e depuração que contrastam radicalmente com o trabalho que desenvolveu com *ensembles* de grande dimensão ou, inclusive, com grupos mais pequenos. E isto muito embora, no seu entender, compor ao piano tenha sempre uma referenciação orquestral e nenhum ato individual exclua a ou as comunidade(s) em que se insere, bem como o todo da humanidade – uma filosofia social e universalista que só poderíamos esperar de quem escreveu o hino da emancipação negra na África do Sul segregacionista, *Mannenberg – Is Where It's Happening*. Também ele se junta às vozes de todos os músicos solistas que dizem que nunca se atua verdadeiramente a solo: «Toca-se para se chegar a algum lado com a audiência. Decidimos juntos para onde vamos, mediante trocas mútuas. Trabalhamos em conjunto.» Foi essa a sensação que tive quando pude finalmente escutá-lo ao vivo, e mesmo quando, em casa, colocava no gira-dis-

cos os seus LPs: a de que também eu, de alguma estranha forma, participava nas tramas.

É costume afirmar-se que um improvisador é mais autêntico, mais ele próprio, quando toca a sós, ainda que tal contradiga a natureza coletivista da improvisação e a comunicação de que há pouco falei, estabelecida entre as reações do solista e as reações da assistência. Não será uma verdade absoluta, mas a síntese que Abdullah Ibrahim realiza de heranças socioculturais como o *swing* (via Duke Ellington), o *bebop* (via Thelonious Monk), o *jazz modal* (via McCoy Tyner), o *free* (via Cecil Taylor), o *boogie-woogie*, os *blues*, as canções Khoi-san tradicionais, o *township jive*, o *gospel* da Igreja Metodista Episcopal africana (cresceu a ouvi-lo e a interpretá-lo, nada mudando nessa influência quando conheceu o Profeta), os motivos árabes e a música erudita da primeira metade do século XX (tem uma desmedida admiração por Debussy) ganha uma outra dimensão quando diante de nós estão apenas ele e um piano.

É neste preparo que mais lhe reconhecemos a atitude Zen e os ensinamentos do Budo, a arte marcial que tem como fundamento evitar o confronto físico: toca num fluxo semiconsistente de situações, criando espaços, deixando um acorde soar até que desvaneça, tomando o seu tempo, colocando temas no percurso da improvisação em vez de submeter esta à escrita, privilegiando a sutileza e a nuance em detrimento da força e do *statement*, explorando, desmontando, derivando, indo sempre, sempre mais além.

E o curioso é que esta fórmula surge hoje mais refinada do que nunca, confirmando a muito africana noção de que são os anciãos os mais sábios entre nós. Aliás, a imprensa musical especializada sustenta que estamos a assistir a um renascimento do fenómeno Abdullah Ibrahim, algo de extraordinário quando se trata de uma pessoa que iniciou a nona década de existência. Mas há mais a referir, e com particular valor para mim: o companheiro musical de Nelson Mandela (que, sobre ele, disse: «Beethoven? Mozart? Também temos na África do Sul um como eles!») demonstra, assim, que as tarefas de construção pessoal e de invenção da música a que meteu ombros, ambas coincidentes com a da construção de uma África do Sul pós-racista, estão longe de finalizadas. Que muito falta descobrir e conquistar.

Pelo meu lado, imagino-me a voltar à Ilha de Moçambique na última reta da minha vida e a aí ouvir, novamente, o *African Piano*, na expectativa de começar tudo outra vez...

Rui Eduardo Paes
Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Abdullah Ibrahim

Abdullah Ibrahim nasceu em 1934 na Cidade do Cabo e foi batizado como Adolph Johannes Brand. As suas primeiras memórias musicais remontam a canções tradicionais africanas Khoi-san (etnia minoritária, mas com história antiga, do sudoeste de África) bem como canções, hinos, espirituais, *gospel*, que ouvia da sua avó, pianista na igreja local Metodista Episcopal Africana, e da sua mãe, que dirigia o coro. A Cidade do Cabo desses tempos acolhia, como é frequente nas cidades portuárias, uma mistura de várias influências culturais, e o jovem Dollar Brand, como começou a ser conhecido porque procurava comprar discos aos marinheiros dos EUA, ouvia jazz americano, *township jive* (música local dos subúrbios, habitados apenas por negros, influenciada pelo jazz), música de Cape Malay (outro grupo étnico sul-africano), bem como música clássica europeia. A partir desta mistura de secular e religioso, tradicional e moderno, Ibrahim desenvolveu estilo, harmonias e vocabulário musical próprios e inimitáveis.

Começou a ter aulas de piano com sete anos e iniciou a sua vida profissional como músico aos quinze, tocando e gravando com grupos locais como os Tuxedo Slickers (uma *big band* dos primórdios do jazz sul-africano formada por músicos muito jovens). Foi dos primeiros músicos a tocar *bebop* (a corrente fundada no início da década de 1940 por Charlie Parker e Dizzy Gillespie que, entre outras características, optava por formações

pequenas, em contraste com o jazz dançante das grandes orquestras, até então dominante, abrindo novos caminhos a esta linguagem musical), com um sabor a Cidade do Cabo. Em 1958 formou o Dollar Brand Trio. Jazz Epistles, o seu septeto inovador gravou, em 1959, o primeiro álbum de músicos de jazz sul-africanos. Nesse mesmo ano conheceu a vocalista Sathima Bea Benjamin com quem viria a casar seis anos mais tarde.

Depois do terrível massacre de Sharpeville em 1960 – em que a polícia respondeu com rajadas de metralhadora a uma manifestação pacífica contra a “Lei do Passe”, que obrigava os negros a terem uma caderneta onde estava escrito onde podiam ir –, grupos mistos e audiências mistas, de brancos e negros desafiavam as desumanas leis do *apartheid*. O jazz simbolizava a resistência e o Governo fechou numerosos clubes e perseguiu os músicos. Alguns dos membros dos Jazz Epistles foram a Inglaterra integrados no musical *King Kong* e por lá ficaram exilados. Eram tempos difíceis para o jazz na África do Sul. Em 1962, com o seu amigo Nelson Mandela na prisão e proibido o ANC, Dollar Brand e Sathima deixaram o país, seguidos pelos outros elementos do seu trio, conseguindo um contrato por três anos no Club Africana em Zurique, na Suíça. Em 1963 Sathima convenceu Duke Ellington a ouvir o trio. Duke promoveu uma sessão de gravação em Paris – *Duke Ellington presents the Dollar Brand Trio*, intitula-se o álbum que daí resultou – e ajudou a que surgissem convites para o Trio tocar nos principais

festivais europeus e na televisão e na rádio durante dois anos de seguida.

Em 1965 Brand e Sathima, entretanto casados, mudaram-se para Nova Iorque. Depois de nesse ano atuar no Newport Jazz Festival (um lendário festival de jazz americano) e no Carnegie Hall de Nova Iorque, Dollar Brand foi chamado a substituir Duke Ellington como líder da sua Orquestra em cinco concertos. Seguiu-se uma digressão de seis meses com o Quarteto de Elvin Jones. Em 1967 recebeu uma bolsa da Fundação Rockefeller para frequentar a já nesse tempo reputada Juilliard School of Music. A sua estada nos EUA permitiu-lhe tocar com muitos músicos da vanguarda de então como Don Cherry, Ornette Coleman, John Coltrane, Pharaoh Sanders, Cecil Taylor e Archie Shepp.

O ano de 1968 foi um ponto de viragem. À procura de uma harmonia espiritual numa vida cada vez mais dispersa, Dollar Brand voltou para a Cidade do Cabo onde se converteu ao Islão, tomando o nome de Abdullah Ibrahim, e em 1970 fez uma peregrinação a Meca. A música e as artes marciais vieram mais tarde reforçar a disciplina espiritual que encontrou. Depois de alguns anos em que esteve baseado na Suazilândia, onde fundou uma escola de música, Abdullah voltou para a Cidade do Cabo, continuando a fazer digressões internacionais com as suas duas bandas, o trio e o septeto. Em 1974 gravou *Mannenberg – 'Is where it's happening'* que rapidamente se tornou um hino nacional para os sul-africanos negros. Depois da revolta estudantil no Soweto

em 1976 (cidade criada em 1963 para juntar um conjunto de bairros exclusivos para negros, segundo as regras do *apartheid*), Abdullah organizou um concerto ilegal a favor do ANC; não muito tempo depois, com a família, foi para os EUA e de novo se estabeleceu em Nova Iorque.

Determinado a organizar a sua atividade na América fundou, com a sua mulher, a companhia de discos Ekapa em 1981. Durante a década de 1980 esteve envolvido numa série de projetos artísticos dependentes da sua música: um *ballet*, *Prelude*, da companhia de Garth Fargan, coreógrafo jamaicano da dança moderna, com estreia em 1981, a *Kalahari Liberation Opera* (espetáculo de teatro, dança, música, estreado em Viena em 1982) e, em 1983, o musical *Cape Town, South Africa*, com a participação do septeto que formou nesse ano, Ekapa. Em 1987 tocou no concerto em homenagem a Marcus Garvey, jamaicano que teve um papel fundamental no movimento nacionalista negro, na Catedral de Westminster, em Londres, e no ano seguinte participou no concerto no Central Park de Nova Iorque comemorativo do 70.º aniversário de Nelson Mandela.

Em 1990 Mandela, enfim liberto da prisão, convidou-o para que voltasse para a África do Sul. As muitas emoções que acompanharam a readaptação à sua pátria ficaram refletidas nos álbuns *Mantra Modes* (1991), a primeira gravação com músicos sul-africanos desde 1976 e *Knysna Blue* (1993). Teve uma intervenção memorável tocando na tomada de posse de Mandela em 1994.

Abdullah Ibrahim foi objeto de vários documentários: por exemplo, o filme para a BBC de Chris Austin, *A Brother with Perfect Timing* (1986), ou o de Ciro Cappelari, *A Struggle for Love* (2004). Também compôs músicas para filmes, incluindo a banda sonora premiada de *Chocolat* (1988) e a de *No Fear, No Die* (1990), ambos de Claire Denis, *Tilai* (1990) de Idrissa Ouedraogo (realizador do Burkina Faso), e participou em *Amandia: A Revolution in Four-Part Harmony* (2002), um documentário de Lee Hirsch sobre a luta contra o *apartheid* na África do Sul.

Desde há cerca de 50 anos que faz digressões pelo mundo inteiro, tocando nas mais importantes salas de concerto, clubes e festivais, apresentando-se, em salas esgotadas, a solo ou com outros afamados músicos (como Max Roach, Carlos Ward e Randy Weston). A sua colaboração com orquestras de música clássica deu origem a discos muito louvados, como *African Suite* (1999, com membros da Orquestra Jovem da União Europeia) e a versão sinfónica, *African Symphony* (2001) com a Orquestra Filarmónica da Rádio de Munique em que também participam o seu trio e a NDR Jazz Big Band.

Abdullah Ibrahim celebrou o seu 70.º aniversário em outubro de 2004, ocasião marcada pelo lançamento de dois CDs pela Enja Records (a editora de Munique para a qual gravou, embora não em exclusivo, durante 30 anos), a compilação *A Celebration e Re: Brahim*, uma remistura da sua música. A discografia de Ibrahim inclui mais de 100 títulos.

Quando não está em digressão, divide o seu tempo entre a Cidade do Cabo e Nova Iorque. Para além de tocar e compor, fundou uma produtora sul-africana, Masingita (Miracle) e uma academia de música, M7, que oferece cursos em sete disciplinas para educação do espírito e do corpo dos jovens. Em 2006 dirigiu a criação histórica (apoiada pelo Ministério das Artes e da Cultura da África do Sul) da Cape Town Jazz Orchestra, uma *big band* de 18 músicos pensada para fortalecer ainda mais a posição da música sul-africana no mundo.

Cinturão negro em artes marciais, com um interesse desde há muitos anos pela filosofia zen, aproveita todas as oportunidades para visitar o seu mestre, em viagens privadas ao Japão. Em 2003 realizou concertos de beneficência em templos em Quioto e Shizuoka.

Abdullah Ibrahim permanece no seu zénite como músico e como infatigável iniciador de novos projetos. Prova-o, se fosse necessário, o CD e o DVD admiráveis que gravou em 2014, por ocasião dos seus 80 anos, *The Song Is My Story*.

Próximo espetáculo

Vortex Temporum

de Anne Teresa De
Keersmaecker / Rosas & Ictus

© Anne Van Aerschot



Dança Qui 29, sex 30 de setembro

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M12

Em *Vortex Temporum*, Anne Teresa De Keersmaecker associa a polifonia da obra-prima homônima de Gérard Grisey a um contraponto dançado para sete bailarinos... Cada bailarino está ligado a um dos sete músicos, matizando a sua dança com o tipo de movimento que associamos ao instrumento. Bailarinos e músicos evoluem no mesmo espaço, num remoinho – um vórtice – de círculos em turbilhão.

Próximo espetáculo de música

Vijay Iyer Trio

Break Stuff

© Lena Adasheva



Jazz Sex 7 de outubro

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M6

Vijay Iyer e o seu trio têm recebido inúmeros prémios e distinções gerando uma rara unanimidade quer na crítica, quer no público. Na sua terceira visita à Culturgest apresentam um concerto baseado no último álbum do trio, *Break Stuff*, que alguns consideram o melhor do grupo. Jazz ancorado na tradição e que explora novos caminhos. Excepcional.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt